

Manuel Castells, 'profeta das redes', diz que a democracia caiu em descrédito. 'Os cidadãos acham que políticos e partidos não os representam'. Por Helena Celestino, para o Valor, do Rio

A agonia de um modelo social

Manuel Castells é comumente chamado de profeta das redes, mas ele mesmo não tem Facebook e no Twitter usa um perfil com nome falso para escapar de ataques pessoais. "A internet que criamos é anjo e diabo ao mesmo tempo, exatamente como o que somos", diz, meio rindo e meio sério. Baixo, cabelos brancos, rápido nas respostas, o sociólogo espanhol de 75 anos escreve três livros por ano, uma coluna semanal no "La Vanguardia" e fica confuso quando tem de dizer onde mora. "Empiricamente, metade do ano na Califórnia e a outra metade, na Catalunha", diz.

Ele dá aulas nos dois continentes — na Universidade do Sul da Califórnia e na Universidade Livre de Barcelona —, faz conferências pelo mundo e esteve semana passada no Rio, "a convite da FGV e do amigo Tarso Genro", para dar palestras sobre a crise da democracia liberal, o mesmo tema de "Rupturas", seu primeiro livro escrito em espanhol, depois de uns 30 em inglês. É um livro híbrido, só com 120 páginas, mas conectado na web a outras

mil para comprovar a sua tese bombástica: "Ninguém mais acredita na democracia. Os cidadãos, no mundo todo, acham que os políticos e os partidos não os representam legitimamente. É o fim de um modelo político de dois séculos", diz, sorrindo de novo.

Como sair disso? Os cidadãos de cada país é que terão de descobrir, avisa. Pensador original e influente por seus estudos sobre transformações sociais na era da internet, Castells acompanhou os protestos pelo mundo e lançou "Redes de Indignação e Esperança" (Zahar), em que constatava um mesmo padrão de comportamento em todos esses movimentos: a indignação fez os jovens do mundo superarem o medo, o sentimento básico de todos nós, e irem para as ruas com palavras de ordem libertárias e pela igualdade. "Agora, essa ânsia de mudanças se desviou dos movimentos positivos, como os Occupy, e passou para os movimentos destrutivos, populistas de direita", diz ele.

E não adianta culpar as redes sociais. Sorrindo de novo, cita frase de uma sentença de

tribunal federal dos Estados Unidos em 1996: "É certo que a internet é um caos, mas, nos EUA, há o direito constitucional ao caos".

Valor: Em "Redes de Indignação e Esperança" (2012), sobre protestos de jovens, o senhor mostrava como acabara a confiança nos políticos, na mídia e nos magos das finanças. De lá para cá, a crise da representatividade democrática se aprofundou?

Manuel Castells: Vivemos agora uma crise da democracia em todo o mundo. Ninguém mais acredita em democracia. Independentemente de corrupção, problemas políticos, há algo em comum: nas mentes dos cidadãos de todo mundo, entre 60% e 75% dos cidadãos não creem que os políticos e seus partidos os representem legitimamente. Isso é importante porque os governos legítimos deixam de ter instrumento para debelar outras crises. A matriz de todas as crises é a da representatividade política, e isso existe nos Estados Unidos, na Europa, na América Latina e, obviamente, no Brasil. Quando uma crise dessa importância é geral, não depende de um contexto político, é